

Mario Vargas Llosa

Cinco Esquinas

Tradução de Cristina Rodriguez e de Artur Guerra

1

O sonho de Marisa



TINHA ACORDADO OU CONTINUAVA A SONHAR? Aquele calorzinho no peito do pé direito estava sempre ali, uma sensação insólita que lhe eriçava todo o corpo e lhe revelava que não estava sozinha na cama. As recordações surgiam em tropel na sua cabeça, mas iam-se ordenando como palavras-cruzadas que se preenchem lentamente. Depois do almoço tinham estado divertidas e um pouco alegres por causa do vinho, passando do terrorismo aos filmes e aos mexericos sociais, quando, de repente, Chabela olhou para o relógio e se pôs de pé de um salto, pálida: «O toque de recolher! Meu Deus, já não me vai dar tempo de chegar a La Rinconada! Não nos apercebemos das horas!» Marisa insistira para que ficasse a dormir com ela. Não haveria problema — Quique tinha partido para Arequipa por causa da reunião de direção logo de manhã cedo na fábrica de cervejas —, eram donas do apartamento do Golf. Chabela ligou para o marido, Luciano, sempre tão compreensivo, que disse que não havia inconveniente, que ele se encarregaria de que as duas meninas saíssem pontualmente para apanhar

o autocarro do colégio. Que Chabela ficasse mesmo em casa de Marisa, isso era preferível a ser detida por uma patrulha se infringisse o toque de recolher. Maldito toque de recolher. Mas, claro, o terrorismo era pior.

Chabela ficara a dormir e, agora, Marisa sentia a planta do pé dela sobre o peito do seu pé direito: uma leve pressão, uma sensação suave, morna, delicada. Como é que tinha acontecido estarem tão perto uma da outra naquela cama de casal tão grande que, ao vê-la, Chabela brincara: «Mas, vamos lá ver, Marisita, queres-me dizer quantas pessoas é que dormem nesta cama gigante?» Lembrou-se de que ambas se tinham deitado nos seus respetivos cantos, separadas pelo menos por meio metro de distância. Qual delas havia deslizado tanto no sono ao ponto de o pé de Chabela estar agora poisado sobre o peito do seu pé?

Não se atrevia a mexer-se. Aguentava a respiração para não acordar a amiga, não fosse ela retirar o pé e desaparecer aquela sensação tão grata que, do peito do seu pé, se expandia pelo resto do corpo e a mantinha tensa e concentrada. Pouco a pouco foi entrevendo, na escuridão do quarto, algumas ranhuras de luz nas persianas, a sombra da cómoda, a porta do quarto de vestir, a da casa de banho, os retângulos dos quadros das paredes, o deserto com a serpente-mulher de Tilsa, a câmara com o totem de Szyszlo, o candeeiro de pé, a escultura de Berrocal. Fechou os olhos e escutou: muito fraca, mas ritmada, era assim a respiração de Chabela. Estava a dormir, talvez a sonhar, e fora ela então, sem dúvida, quem se aproximara durante o sono do corpo da sua amiga.

Surpreendida, envergonhada, perguntando-se de novo se estava acordada ou a sonhar, Marisa tomou por fim consciência do que o seu corpo já sabia: estava excitada. Aquela delicada planta do pé a aquecer-lhe o peito do pé acendera-lhe a pele e os sentidos e, de certeza, se deslizasse uma das suas mãos por entre as coxas iria encontrá-la molhadinha. «Estás maluca?», disse para si própria. «Excitares-te com uma mulher? Como é que é isso, Marisita?» Tinha-se excitado sozinha muitas vezes, claro, e tinha-se masturbado também às vezes, esfregando uma almofada entre as pernas, mas sempre a pensar em homens. Que ela se recordasse, com uma mulher, jamais! No entanto, agora estava a tremer dos pés à cabeça e com uma vontade louca de que não só os seus pés se tocassem como também os seus corpos, e sentisse, como aquele peito do pé, por todo o lado a proximidade e o calor morno da amiga.

Movendo-se muito ligeiramente, com o coração agitado, simulando uma respiração que se parecesse com a do sono, virou-se um pouco de lado, de modo que, mesmo não lhe tocando, sentiu que agora sim, estava apenas a milímetros das costas, das nádegas e das pernas de Chabela. Ouvia melhor a respiração dela e julgava sentir um bafo recôndito que emanava daquele corpo tão próximo, chegava até ela e a envolvia. Apesar de tudo, como se não se apercebesse do que fazia, moveu muito lentamente a mão direita e poisou-a sobre a coxa da sua amiga. «Bendito toque de recolher», pensou. Sentiu que o seu coração se acelerava: Chabela ia acordar, ia retirar-lhe a mão: «Afasta-te, não me toques, estás maluca? O que é que te deu?» Mas Chabela

não se mexia e parecia sempre mergulhada num sono profundo. Sentiu-a inspirar e expirar, teve a impressão de que aquele ar vinha na sua direção, entrava-lhe pelas narinas e pela boca e lhe aquecia as entranhas. Por momentos, no meio da sua excitação — que absurdo! — pensava no toque de recolher, nos apagões, nos sequestros — sobretudo o de Cachito — e nas bombas dos terroristas. Que país, que país!

Sob a sua mão, a superfície daquela coxa era firme e suave, ligeiramente húmida, talvez devido à transpiração ou a algum creme. Será que Chabela tinha posto antes de se deitar algum dos cremes que Marisa tinha na casa de banho? Ela não a vira despir-se; emprestou-lhe uma camisa de dormir das suas, muito curta, e ela tinha-se mudado no quarto de vestir. Quando voltou ao quarto, Chabela já a trazia vestida; era semitransparente, deixava-lhe os braços, as pernas e um pouco da nádega despídos, e Marisa recordava ter pensado: «Que corpo bonito, como está bem conservada apesar das duas filhas, são as idas ao ginásio três vezes por semana.» Tinha continuado a mover-se milimetricamente, sempre com o receio crescente de acordar a amiga; agora, aterrada e feliz, sentia que, por momentos, ao ritmo da sua respetiva respiração, partes da coxa, nádega, das pernas de ambas se roçavam e, logo a seguir, se afastavam. «Ainda acaba por acordar, Marisa, estás a fazer uma loucura.» Mas não retrocedia e continuava a esperar — o que é que esperava? —, como que em transe, o próximo toque fugaz. A sua mão direita continuava pousada na coxa de Chabela, e Marisa apercebeu-se de que tinha começado a transpirar.

Nisto, a sua amiga mexeu-se. Julgou que o seu coração ia parar. Por uns segundos deixou de respirar; fechou os olhos com força, simulando dormir. Chabela, sem se mover do sítio, tinha levantado o braço e agora Marisa sentiu que sobre a sua mão apoiada na coxa dela se poisava a mão de Chabela. Retirar-lha-ia bruscamente? Não, pelo contrário, com suavidade, dir-se-ia até que com carinho, Chabela, entrecruzando os seus dedos nos dela, arrastava agora a mão com uma leve pressão, sempre colada à pele, para o meio das suas pernas. Marisa nem acreditava no que estava a acontecer. Sentia nos dedos da mão que Chabela agarrava os pelos de um púbis ligeiramente levantado e a concavidade molhada, palpitante, contra a qual ela a pressionava. Tremendo dos pés à cabeça, Marisa pôs-se de lado, encostou os seios, o ventre, as pernas contra as costas, às nádegas e pernas da amiga, ao mesmo tempo que com os seus cinco dedos lhe esfregava o sexo, tentando localizar o pequeno clítoris, esgravatando, separando aqueles lábios molhados do seu sexo inchado pela ansiedade, sempre guiada pela mão de Chabela, a quem também sentia a tremer, acoplado-se ao seu corpo, ajudando-a a enredar-se e a fundir-se com ela.

Marisa mergulhou a cara no emaranhado de cabelos que separava com movimentos de cabeça, até encontrar o pescoço e as orelhas de Chabela, e agora beijava-as, lambia-as e mordiscava com prazer, já sem pensar em nada, cega de felicidade e de desejo. Uns segundos ou minutos depois, Chabela tinha dado a volta e ela mesma lhe procurava a boca. Beijaram-se com avidez e desespero, primeiro

nos lábios e, depois, abrindo as bocas, confundindo as suas línguas, trocando as suas salivas, enquanto as mãos de cada uma tiravam — arrancavam — à outra a camisa de dormir até ficarem nuas e enredadas; giravam de um lado para o outro, acariciando os seios, beijando-os, e depois as axilas e os ventres, enquanto cada uma trabalhava o sexo da outra e sentiam-nos palpitar num tempo sem tempo, tão infinito e tão intenso.

Quando Marisa, aturdida, saciada, sentiu, sem poder evitar, que mergulhava num sono irresistível, conseguiu dizer a si própria que durante toda aquela extraordinária experiência que acabava de acontecer nem ela nem Chabela — que parecia agora também arrebatada pelo sono — tinham trocado uma única palavra. Quando mergulhava num vazio sem fundo pensou de novo no toque de recolher e julgou ouvir uma explosão distante.

Horas mais tarde, quando acordou, a luz acinzentada do dia entrava pelo quarto um pouco coada pelas persianas e Marisa estava sozinha na cama. A vergonha estremecia-a dos pés à cabeça. Aquilo tinha verdadeiramente acontecido? Não era possível, não, não. Mas sim, claro que tinha acontecido. Ouvia então um barulho na casa de banho e, assustada, fechou os olhos, simulando dormir. Entreabriu-os e, através das pestanas, avistou Chabela já vestida e arranjada, prestes a partir.

— Marisita, mil perdões, acordei-te. — Ouvia-a dizer, com a voz mais natural do mundo.

— Que ideia! — balbuciou, convencida de que mal se lhe ouvia a voz. — Já te vais embora? Não queres tomar antes o pequeno-almoço?

— Não, querida — respondeu-lhe a amiga: a ela, sim, não lhe tremia a voz nem parecia incómoda; estava como sempre, sem o menor rubor nas faces e um olhar absolutamente normal, sem pitada de malícia nem picardia nos seus grandes olhos escuros e com o cabelo preto um pouco alvoçoado. — Vou a correr para apanhar as miúdas antes de elas saírem da escola. Mil agradecimentos pela hospitalidade. Depois falamos, um beijinho.

Atirou-lhe um beijo da porta do quarto e foi-se embora. Marisa encolheu-se, espreguiçou-se, esteve quase a levantar-se, mas voltou a encolher-se e a tapar-se com os lençóis. Claro que aquilo tinha acontecido, e a melhor prova disso é que estava nua, e a sua camisa de dormir enrugada, meio caída da cama. Levantou os lençóis e riu-se vendo que a camisa de dormir que tinha emprestado a Chabela estava também ali, um montinho aos seus pés. Irrompeu num riso que parou de repente. Meu Deus, meu Deus. Sentia-se arrependida? De todo. Que grande presença de espírito tem Chabela! Teria ela feito destas coisas, antes? Impossível. Conheciam-se há tanto tempo, sempre haviam contado tudo uma à outra, se Chabela tivesse tido alguma vez uma aventura desta índole ter-lha-ia confessado. Ou será que não? A amizade delas mudaria por isto? Claro que não. Chabelita era a sua melhor amiga, mais que uma irmã. Como seria dali em diante a relação entre as duas? A mesma de antes? Agora tinham um segredo tremendo para partilhar. Meu Deus, meu Deus, não conseguia acreditar que aquilo tivesse acontecido. Toda a manhã, enquanto tomava banho, se vestia, tomava o pequeno-almoço, dava instruções à cozinheira, ao mordomo e à empregada, revoluteavam-lhe na cabeça

as mesmas perguntas: «Fizeste o que fizeste, Marisita?» E o que aconteceria se Quique viesse a saber que ela e Chabela tinham feito o que fizeram? Ficaria zangado? Faria uma cena de ciúmes como se ela o tivesse traído com um homem? Contar-lhe-ia? Não, nunca na vida, mais ninguém podia saber daquilo, que vergonha! E ainda estava assim por volta do meio-dia quando Quique chegou de Arequipa e lhe trouxe os imprescindíveis docinhos de La Ibérica e o saco de *rocotos*¹, enquanto o beijava e lhe perguntava como é que tinha corrido a reunião de direção da fábrica de cervejas — «Bem, bem, *gringuita*, decidimos deixar de mandar cervejas para Ayacucho, não compensa, as percentagens que os terroristas e os pseudoterroristas nos pedem estão a arruinar-nos —, ela continua a interrogar-se: «E porque é que Chabela não fez a menor alusão e se foi embora como se nada tivesse acontecido? Porque é que haveria de ser, tonta? Porque ela também morria de vergonha, não queria dar-se como entendida e preferia disfarçar, com se nada tivesse acontecido. Mas tinha acontecido, sim, Marisita. Voltaria a acontecer outra vez ou nunca mais?»

Esteve toda a semana sem se atrever a telefonar a Chabela, esperando ansiosa que ela lhe telefonasse. Que estranho! Nunca tinham passado tantos dias sem se verem ou se falarem. Ou, talvez, pensando bem, não fosse tão estranho: devia sentir-se tão desconfortável como ela, e de certeza que

¹ Fruto muito picante parecido com o pimento. É usado, por exemplo, na preparação do *rocoto* recheado, em Arequipa, e do *cebiche*, que é o prato nacional do Peru. (*N. dos T.*)

aguardava que Marisa tomasse a iniciativa. Ter-se-ia zangado? Mas, porquê? Não havia sido Chabela a dar o primeiro passo. Ela só lhe tinha posto uma mão na perna, podia ser algo casual, involuntário, sem má intenção. Fora Chabela quem lhe pegara na mão e fizera com que lhe tocasse ali e a masturbasse. Que audácia! Quando chegava àquele pensamento vinha-lhe uma vontade louca de se rir e um ardor nas faces que deviam ter ficado coradíssimas.

Esteve assim o resto da semana, meio ausente, concentrada naquela lembrança, sem quase se aperceber de que ia fazendo a rotina marcada pela sua agenda, as aulas de italiano em casa de Diana, o chá das tias dedicado à sobrinha de Margot que finalmente se casava, dois almoços de trabalho com os sócios de Quique que eram convites com mulheres, a visita obrigatória aos pais para tomar chá, o cinema com a prima Matilde, um filme a que não prestou a menor atenção porque aquilo não lhe saía um instante da cabeça e, de vez em quando, ainda se interrogava se não teria sido um sonho. E aquele almoço com as colegas de escola e a conversa inevitável, que ela pouco seguia, sobre o pobre Cachito, sequestrado há cerca de dois meses. Diziam que tinha vindo de Nova Iorque um especialista da companhia de seguros para negociar o resgate com os terroristas e que a pobre Nina, a mulher, estava a fazer terapia para não enlouquecer. Andava distraída a tal ponto que, numa daquelas noites, Enrique fez amor com ela e de repente reparou que o marido se desentusiasmava e lhe dizia: «Não sei o que é que tu tens, *gringuita*, acho que em dez anos de casamento nunca te vi tão esmorecida. Será por causa do terrorismo? O melhor é dormirmos.»

Na quinta-feira, exatamente uma semana depois daquilo que tinha ou não tinha acontecido, Enrique voltou do escritório mais cedo do que de costume. Estavam a tomar um whisky sentados no terraço, a ver o mar de luzinhas de Lima aos seus pés e a falar, é claro, do tema que obcecava todos os lares naqueles dias, os atentados e sequestros do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Túpac Amaru, os apagões de quase todas as noites, devido aos rebentamentos das torres elétricas que deixavam bairros inteiros da cidade nas trevas, e as explosões com que os terroristas acordavam os limenhos à meia-noite e ao amanhecer. Estavam a recordar ter visto daquele mesmo terraço, há uns meses, acender-se a meio da noite, numa das colinas do horizonte, as tochas que formavam uma foice e um martelo, como uma profecia do que aconteceria se os do Sendero ganhassem aquela guerra. Enrique dizia que a situação se estava a tornar insustentável para as empresas, as medidas de segurança aumentavam os custos de uma maneira louca, as companhias de seguros queriam continuar a subir os prémios e, se os bandidos conseguissem o que queriam, em breve o Peru chegaria à situação da Colômbia, onde os empresários, afugentados pelos terroristas, pelos vistos se estavam a transferir em massa para o Panamá e para Miami, para dirigir os seus negócios de lá — com tudo o que isso significaria de complicações, de gastos a mais e de perdas. E estava precisamente a dizer-lhe «Talvez tenhamos de ir nós também para o Panamá ou para Miami, amor», quando Quintanilla, o mordomo, apareceu no terraço: «A senhora Chabela, minha senhora.» «Passa-me a chamada para

o quarto», disse ela e, ao levantar-se, ouviu que Quique lhe dizia: «*Gringuita*, diz a Chabela que um destes dias ligo ao Luciano para nos encontrarmos os quatro.»

Quando se sentou na cama e pegou no auricular, as pernas tremiam-lhe. «Está, Marisita?», ouviu e respondeu: «Que bom teres ligado, tenho andado louca com tanto que fazer e pensava ligar-te amanhã de manhã cedinho.»

— Fiquei de cama com uma gripe fortíssima — disse Chabela —, mas já me está a passar. E com muitas saudades tuas, querida.

— E eu também — respondeu-lhe Marisa. — Acho que nunca passámos uma semana sem nos vermos, pois não?

— Estou a ligar-te para te fazer um convite — disse Chabela. — Aviso-te já que não aceito que me digas que não. Tenho de ir a Miami por dois ou três dias, há uns problemas no apartamento de Brickell Avenue e só se resolverão se eu for lá pessoalmente. Acompanha-me, convidado-te. Já tenho bilhetes para nós, consegui-os gratuitamente com as milhas acumuladas. Vamos na quinta-feira à meia-noite, ficamos lá sexta e sábado, e regressamos no domingo. Não me digas que não porque senão fico terrivelmente zangada contigo, amor.

— Claro que te acompanho, que bom — disse Marisa; parecia que o coração lhe ia sair a qualquer momento pela boca. — Vou já agora mesmo dizer a Quique e se ele me puser qualquer impedimento, divorcio-me. Muito obrigada, querida. Super, super, que boa ideia.

Desligou o telefone e ficou sentada na cama ainda uns momentos, até se acalmar. Foi invadida por uma sensação

de bem-estar, uma incerteza feliz. Aquilo tinha passado e agora ela e Chabela iriam na próxima quinta-feira a Miami e, durante três dias, esquecer-se-iam dos sequestros, do toque de recolher, dos apagões e de todo aquele pesadelo. Quando voltou ao terraço, Enrique brincou com ela: «Quem a sós se ri, das suas maldades sem lembra. Pode-se saber porque é que te brilham assim os olhos?» «Não te vou dizer, Quique», namoriscou ela com o marido, atirando-lhe os braços ao pescoço. «Nem que me mates te digo. Chabela convidou-me a ir a Miami durante três dias e eu disse-lhe que se não me deres autorização para a acompanhar, me divorcio de ti.»